

# 300 BILHÕES DE DÓLARES AO SOL

Por Olivier Dujardin\*



*Imagem gerada por inteligência artificial.*

*A Ucrânia já recebeu mais de 300 bilhões de euros em ajuda, que alguns consideram justificada já que o futuro da Europa estaria em jogo na Ucrânia: mas as razões apresentadas tem realmente fundamento?*

**E**m agosto de 2024, a Ucrânia recebeu mais de 300 bilhões de euros<sup>1</sup> em ajuda de países europeus, dos Estados Unidos e de outros aliados. A União Europeia também planeja conceder-lhe 35 bilhões de euros adicionais em 2025<sup>2</sup>.

Alguns consideram que este compromisso financeiro é justificado, acreditando que o futuro da Europa está em jogo na Ucrânia: “*as verdadeiras questões do conflito na Ucrânia vão além das questões territoriais e visam pôr em causa o nosso modelo europeu de sociedade democrática. (...) A cessação das hostilidades serviria apenas para permitir à Rússia reconstituir as suas forças para atacar mais uma vez seus vizinhos ocidentais, começando pelos países bálticos e pela Polônia*”<sup>3</sup>.

Perante estes argumentos e outros que vão no mesmo sentido, evocando uma guerra existencial para a Europa e insistindo na necessidade de apoiar a Ucrânia

<sup>1</sup> [https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2024/08/20/l-allemande-fait-partie-des-pays-qui-ont-le-plus-aide-l-ukraine-depuis-le-debut-de-l-invasion-russe\\_6126677\\_4355775.html](https://www.lemonde.fr/les-decodeurs/article/2024/08/20/l-allemande-fait-partie-des-pays-qui-ont-le-plus-aide-l-ukraine-depuis-le-debut-de-l-invasion-russe_6126677_4355775.html).

<sup>2</sup> [https://www.lemonde.fr/international/article/2024/10/10/les-europeens-s-accordent-sur-une-nouvelle-aide-financiere-a-l-ukraine\\_6347851\\_3210.html](https://www.lemonde.fr/international/article/2024/10/10/les-europeens-s-accordent-sur-une-nouvelle-aide-financiere-a-l-ukraine_6347851_3210.html).

<sup>3</sup> <https://www.senat.fr/rap/r23-254/r23-254-syn.pdf>.

a todo o custo, coloca-se a questão da sua relevância: as razões apresentadas são realmente fundadas? Vamos estudá-los uma por uma.

## 1. “A GUERRA UCRANIANA É UM DESAFIO AO NOSSO MODELO DE SOCIEDADE DEMOCRÁTICA”

Esta afirmação é frequentemente transmitida, mas o argumento permanece vago: como é que a derrota da Ucrânia ou a instalação de um governo pró-Rússia ameaçaria nosso modelo de sociedade democrática? A Ucrânia já conheceu governos “pró-Rússia” sem que isso afetasse as nossas instituições. Além disso, as nossas relações com Estados não democráticos, como as monarquias do Golfo, não parecem ameaçar nosso próprio modelo. Se a Ucrânia estiver geograficamente localizada na Europa, o impacto desta proximidade permanece limitado, especialmente a nível econômico: em 2021, o comércio entre a França e a Ucrânia foi de apenas 2,1 bilhões de euros<sup>4</sup>, bem abaixo dos 4,8 bilhões com a Arábia Saudita<sup>5</sup>. Estas trocas comerciais mostram que as relações com um país menos democrático não representam necessariamente um dilema moral. Não compartilhamos os mesmos valores, e depois?

Portanto, sim, a Rússia está tentando influenciar a opinião pública europeia. Mas aqui, novamente, a tão denunciada propaganda russa deve ser colocada em perspectiva. Todos os meios de comunicação russos foram censurados e estamos muito mais expostos à propaganda ucraniana, a menos que assumamos de uma forma completamente maniqueísta que apenas os russos mentem. Além disso, a propaganda russa que chega até nós é automaticamente apresentada como tal, denunciada e dissecada. Gostaríamos que nossos meios de comunicação fossem igualmente rigorosos frente à propaganda ucraniana ou mesmo americana. O confronto no domínio das comunicações é apenas uma parte do nosso confronto indireto com Moscou. Nos dias em que as coisas se acalmarem diplomaticamente com a Rússia, também veremos esta guerra de comunicação se acalmar.

Moscou não tem utilidade para nosso modelo de sociedade. Os russos têm os deles e nós temos os nossos. Isto nunca impediu dois Estados de manterem relações diplomáticas e econômicas.

Portanto, não, dizer que “*as verdadeiras questões do conflito na Ucrânia vão além das questões territoriais e visam pôr em causa o modelo europeu de sociedade democrática*” é uma ilusão que não se baseia em nenhum argumento sólido.

## 2. “PARAR OS EXÉRCITOS RUSSOS NA UCRÂNIA SIGNIFICA EVITAR A GUERRA NA EUROPA”

Outro argumento fundamental assegura que, se a Rússia vencer a guerra na Ucrânia, não irá parar por aí e nossos próprios países se tornarão alvos. De acordo

---

<sup>4</sup> <https://www.tresor.economie.gouv.fr/Pays/UA/rerelations-commerciales-bilaterales-france-ukraine>.

<sup>5</sup> <https://www.tresor.economie.gouv.fr/Articles/2023/10/22/les-echanges-commerciaux-bilateraux-entre-la-france-et-l-arabie-saoudite-au-1er-semester-2023>.

com esta lógica, defender a paz equivaleria a dar tempo à Rússia para se preparar para nos atacar melhor mais tarde. Esta visão é frequentemente comparada ao “espírito de Munique” – analogia que beira o ponto de Godwin<sup>6</sup> –, recordando erros passados de apaziguamento que tornariam a guerra inevitável. Mas uma questão fundamental permanece sem resposta: porque é que a Rússia iria querer atacar a Polônia, os Estados Bálticos ou a Finlândia?

Que projeto estratégico poderia justificar para Moscou uma ofensiva contra os países europeus? A ideia do sonho de reconstituição do império soviético é frequentemente invocada por certos analistas, mas esta hipótese baseia-se mais em projeções do que em fatos concretos. Putin procura, sem dúvida, manter a Rússia como uma potência global temida e respeitada, mas isso é muito diferente de uma ambição expansionista de subjugar militarmente a Europa.

Certamente, é legítimo considerar o caso dos países bálticos, onde existem minorias significativas de língua russa. No entanto, a adesão destes Estados à OTAN tornaria um ataque russo extremamente arriscado, se Moscou tiver as capacidades militares e humanas. A Moldávia poderia ser potencialmente um objetivo, mas as forças russas ainda teriam que ser capazes de o alcançar, um grande desafio dada a sua situação atual na frente ucraniana e a distância que ainda teriam que percorrer. Conquistar e ocupar um país hostil requer recursos humanos que a Rússia não possui – seja para a Polônia, a Finlândia, ou mesmo para toda a Ucrânia.

O argumento de que apoiar militarmente a Ucrânia hoje protegeria a Europa de um futuro conflito com a Rússia é, portanto, mais medo do que realidade. Aqueles que promovem esta visão são muitas vezes os mesmos que ridicularizam o desempenho militar russo na Ucrânia. É incoerente zombar do Exército russo pelas suas fraquezas e ao mesmo tempo apresentá-lo como uma ameaça para toda a Europa. Na realidade, esta chamada ameaça russa joga com medos irracionais e justifica assim o apoio militar e financeiro à Ucrânia entre as nossas populações.

### **3. “APOIAR OS UCRANIANOS É UMA QUESTÃO MORAL, EM NOME DOS NOSSOS VALORES”**

A Rússia atacou militarmente e violou as fronteiras de um país que não a ameaçava diretamente, violando assim o direito internacional, bem como os Memorandos de Budapeste. O Exército russo também cometeu e continua a cometer crimes de guerra durante este conflito. Esta é uma realidade totalmente repreensível em princípio, mas também não devemos esquecer que o Exército ucraniano cometeu e está também cometendo crimes de guerra. Infelizmente, qualquer guerra expõe a este tipo de “deslize” e não faltam exemplos recentes.

Ora, estas violações do direito internacional não são exclusivas da Rússia e a indignação que afeta as nossas opiniões não é realmente da mesma ordem dependendo de quem comete estes atos. Ninguém está pensando em aplicar sanções à Turquia, nem em criticar publicamente Ancara pela sua invasão e

---

<sup>6</sup> [https://fr.wikipedia.org/wiki/Loi\\_de\\_Godwin](https://fr.wikipedia.org/wiki/Loi_de_Godwin).

ocupação ilegal da ilha de Chipre desde 1974. Parece que estamos lidando muito bem com isso. Poderíamos falar da invasão do Iraque em 2003 e dos crimes de guerra perpetrados com total impunidade pelo Exército americano (a prisão de Abu Ghraib, por exemplo) sem que isso provocasse grandes protestos a nível interno. O que podemos dizer sobre a situação atual em Gaza e no Sul do Líbano, exceto que, mais uma vez, os protestos são, no mínimo, modestos, apesar dos gravíssimos crimes de guerra aí cometidos. Ninguém considerou impor sanções econômicas pesadas ao Estado de Israel ou indiciar o seu primeiro-ministro e o processo da Corte Penal Internacional parece ter parado apesar do pedido feito. Da mesma forma, continuamos a apoiar Paul Kagame, presidente de Ruanda, que apoia o movimento M23 responsável por abusos muito graves na República Democrática do Congo. E a lista de exemplos poderia continuar, porque é longa.

Certamente, existem, claro, os novos “missionários” dos televisores, defendendo a ideia do universalismo dos nossos “valores” que se devem impor ao mundo e que, portanto, devem ser inculcados em todos, com canhões se necessário. Mas do que estamos falando quando nos dizem sobre a defesa dos “nossos valores”? De que valores estamos falando exatamente, visto que parecem ter uma geometria muito variável? Este argumento aparece então apenas como um argumento moral destinado a despertar emoção, muito distante da reflexão equitativa sobre os princípios da justiça.

#### 4. “O DIREITO INTERNACIONAL DEVE SER RESPEITADO”

Em teoria, a ONU deveria estabelecer uma certa ordem mundial com a qual cada estado deve se conformar. Contudo, na realidade, o mundo nunca foi verdadeiramente governado pela lei, mas sim pela lei do mais forte. A geopolítica poderia ser resumida por uma famosa frase de Audiard em *Greed in the Sun (100.000 Dólares ao Sol)*, onde o personagem de Jean-Paul Belmondo declara: “Sabe, quando caras que pesam 130 quilos dizem certas coisas, aqueles que pesam 60 quilos ouvem.”

Transposta para o contexto internacional, esta citação poderia tornar-se: “Quando os países com armas nucleares falam, aqueles que não têm armas nucleares ouvem.” Mesmo que esta visão seja simplista, porque a dissuasão convencional também desempenha um papel importante, a verdade é que apenas três países – os Estados Unidos, a Rússia e a China – têm realmente a capacidade de impor a sua vontade. A França e a Grã-Bretanha, por seu lado, não dispõem de meios de dissuasão convencionais suficientemente significativos e, portanto, encontram-se relegadas a um segundo papel, à sombra do poder americano. Quanto aos outros Estados, colocam-se mais ou menos na órbita de um desses três blocos ou, se forem suficientemente poderosos como a Índia, conseguem manter uma posição de equilíbrio.

Isto não é cinismo, mas uma simples observação da realidade. Se a geopolítica global funcionasse de forma diferente, não haveria membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU com direito de veto, privilégio que permitiria a estas nações se libertarem do direito internacional quando este não servisse aos seus interesses. Em última análise, o que prevalece nas relações internacionais

não é o cumprimento estrito das regras, mas a proteção dos próprios interesses e a preservação da sua esfera de influência.

## 5. “OS ESTADOS SÃO LIVRES PARA FORMAR AS ALIANÇAS QUE DESEJAREM”

Este argumento é frequentemente mencionado: a Ucrânia, como país soberano, deveria poder escolher livremente as suas alianças, seja com a OTAN ou com a União Europeia, sem ter que se referir a Moscou. Teoricamente, isto parece perfeitamente justificado, mas a realidade é mais complexa.

Os Estados Unidos, durante a Guerra Fria, moldaram em grande parte o seu “estrangeiro próximo” – o continente americano –, intervindo diretamente para garantir a lealdade dos governos. Não hesitaram em orquestrar golpes de Estado e apoiar regimes ditatoriais para preservar sua influência regional. Esta política persiste hoje: o embargo a Cuba, por exemplo, não tem qualquer justificativa direta de segurança – o Exército cubano nunca representou uma ameaça real para os Estados Unidos – mas faz parte desta lógica de controle da sua vizinhança.

A China está adotando uma abordagem semelhante, reforçando sua presença no Mar da China Meridional, construindo ilhas artificiais que está militarizando. Esta estratégia também se estende à Coreia do Norte, cuja existência, como zona tampão com a Coreia do Sul, oferece a Pequim uma valiosa profundidade estratégica. Em suma, tal como os Estados Unidos no continente americano, a China está moldando a sua vizinhança imediata na Ásia para preservar seus interesses estratégicos.

Por seu lado, a Rússia considera a OTAN como uma ameaça potencial há décadas<sup>7</sup>. A partir da década de 1990, as divergências multiplicaram-se e a intervenção da Aliança em 1999 contra a Sérvia reforçou sua percepção de uma organização vista como agressiva e submissa aos interesses americanos. Sua progressão em direção às suas fronteiras é vista por Moscou como um ataque direto à sua segurança. Embora o Kremlin utilize em parte esta desconfiança para consolidar seu regime, esta atitude também decorre de uma velha frustração ligada à sua progressiva exclusão do sistema de segurança europeu, no qual, no entanto, desejava ser integrado.

O Kremlin acredita que a OTAN ignora os interesses de segurança da Rússia e se recusa considerá-la como uma igual. Alguns analistas russos consideram as intervenções da OTAN no Afeganistão e na Líbia como ações desestabilizadoras na região, minando a credibilidade da Aliança. Quer esta visão seja justificada ou não, é essencial compreender que esta é a percepção de Moscou. George Friedman<sup>8</sup> recorda a importância da “*profundidade geográfica*” para o Estado-Maior russo, sublinhando que seu imenso território sempre desempenhou papel fundamental na resistência às tentativas de invasão ao longo da história. Moscou atribui, portanto, importância estratégica às zonas tampão para garantir sua segurança,

<sup>7</sup> <https://www.arenion24.news/2020/05/06/la-russie-et-son-environnement-securitaire/>.

<sup>8</sup> Cientista político americano, fundador e ex-diretor da empresa de inteligência Stratfor.

uma lógica que não é muito diferente da dos Estados Unidos ou da China, que também procuram estabelecer “*barreiras de proteção*”.

Historicamente, as grandes potências sempre agiram desta forma, subjugando seus vizinhos menos poderosos para garantir profundidade estratégica contra seus rivais geoestratégicos. Na realidade, a escolha de alianças raramente tem sido livre para os países, mas muitas vezes influenciada, ou mesmo imposta, pela potência dominante na sua esfera regional.

## 6. “APOIAR A UCRÂNIA PARA LHE PERMITIR OBTER UM EQUILÍBRIO DE PODER FAVORÁVEL COM VISTA ÀS NEGOCIAÇÕES”

Este argumento surgiu quando as provas se tornaram claras: a Ucrânia já não podia esperar razoavelmente uma vitória militar decisiva contra a Rússia ou alcançar seus objetivos de guerra. A partir de agora, o objetivo do Ocidente é fortalecer a posição militar de Kiev para lhe permitir impor um equilíbrio de poder favorável e obter uma paz “justa”, nos termos de Zelensky, embora os contornos desta paz permaneçam indefinidos. Concretamente, isto implicaria um prolongamento do conflito até que a Rússia fosse forçada a fazer grandes concessões à Ucrânia.

Contudo, no terreno, a situação militar parece estar se deteriorando cada vez mais rapidamente na Ucrânia<sup>9</sup> e a ajuda militar dos países ocidentais está sendo gradualmente reduzida. Parece, portanto, improvável que as conversações sejam concluídas sem concessões ucranianas significativas. Este desenvolvimento levanta questões sobre os benefícios reais da continuidade da guerra para a Ucrânia, enquanto as próximas semanas e meses poderão assistir a uma deterioração ainda mais acentuada da sua situação militar.

Este argumento parece, portanto, carente de relevância e junta-se a uma série de justificativas cada vez mais questionáveis para evitar colocar a questão fundamental sobre as verdadeiras razões do apoio à Ucrânia e os objetivos concretos prosseguidos.

\* \* \* \* \*

Se os argumentos apresentados para justificar o apoio à Ucrânia parecem questionáveis, por que os governos de países europeus estão tão empenhados nesta causa? E, mais ainda, por que não expõem claramente as verdadeiras razões deste compromisso? Talvez estas motivações ocultas estejam menos ligadas aos interesses estratégicos europeus do que aos de Washington? A sabotagem dos gasodutos Nord Stream já não é atribuída à Rússia e as investigações realizadas pelos residentes do Báltico são abandonadas uma após a outra sem terem produzido nada, o que talvez seja um indicador entre outros dos verdadeiros responsáveis... Todos terão sua própria opinião sobre essas questões.

---

<sup>9</sup> <https://velhogeneral.com.br/2024/11/04/a-critica-situacao-militar-da-ucrania/>.

Hoje, o debate não deve centrar-se apenas em continuar ou não a apoiar a Ucrânia, mas nas verdadeiras motivações que o justificam. Os cidadãos têm o direito de compreender as razões desta ajuda, especialmente na França, em um contexto em que as decisões orçamentárias de 2025 imporão 60 bilhões de euros em poupanças, apesar de três bilhões de euros terem sido transferidos para Kiev em 2024. Não é precisamente esta transparência que deveria nos diferenciar de regimes autoritários como o da Rússia?

Esta reflexão não implica uma rejeição do apoio à Ucrânia, mas antes apela à definição de objetivos claros e realistas. O apoio militar e financeiro só poderá continuar de forma eficaz se nossos recursos financeiros, industriais e militares<sup>10</sup> forem tidos em conta. Como salienta Pascal Boniface<sup>11</sup>, “*não devemos confundir o desejável e o possível*”. Podemos ter muitas aspirações, mas só vale a pena perseguir aquelas que são realizáveis.

Finalmente, torna-se necessário deixar de ostentar uma moralidade moldada para a ocasião, encorajando-nos a ajudar a Ucrânia “*enquanto for necessário*”. Uma posição duradoura requer justificativas honestas e objetivos concretos, especialmente em um momento em que os Estados Unidos de Donald Trump podem se afastar da questão ucraniana e deixar os europeus sozinhos nesta postura.

Publicado no [Cf2R](#).

---

*\*Olivier Dujardin é pesquisador associado do Cf2R (Centre Français de Recherche sur le Renseignement), chefe da seção de tecnologias e armamentos e consultor independente. Ele tem mais de 20 anos de experiência em guerra eletrônica, processamento de sinais de radar e análise de sistemas de armas. Ocupou cargos operacionais em guerra eletrônica, no estudo de sistemas de radar, guerra eletrônica e análise e coleta de sinais eletromagnéticos. Ele também ocupou o cargo de especialista técnico em sistemas de coleta SIGINT.*

---

<sup>10</sup> <https://velhogeneral.com.br/2023/02/09/a-ajuda-ocidental-pode-privar-kiev-de-uma-vitoria/>.

<sup>11</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=iI015MREI0A>.